

SOCIODIVERSIDADE, IDENTIDADE E VALORES NO SEMIÁRIDO¹

Maria Waleska Camboim Lopes de Andrade; Tamires da Silva Lima; Gerlânia Francelino Rodrigues; José Lucena Nunes da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Serra Talhada.

mwcamboim@gmail.com; tamires.lima325@gmail.com; gerlania.bel@gmail.com;
lucenanunes@hotmail.com

Estudos demonstraram que os valores de autotranscendência estão mais relacionados com um comportamento em prol da natureza. No presente estudo, propõe-se que os valores Cooperação e Respeito sejam adequados para criar uma consciência ambiental. Estudou-se um conjunto de habitantes de um local conhecido como Fazenda Saco. Propôs-se compreender a identidade de um conjunto de comunidades habitando esta Fazenda, utilizando uma metodologia de observação participante durante um ano, procurando identificar como as pessoas se viam. Os dados vão servir para a elaboração de um instrumento de medida dos valores dessa população e para um futuro programa educacional visando despertar valores ambientais. Verificou-se que a comunidade que antes aparecia como amorfa possui contornos precisos. As reuniões obtiveram um efeito de sinergia e permitiram, além de uma aproximação maior com um grupo significativo de pessoas, a pré-criação de um grupo de referência para os futuros trabalhos. Além disso, observou-se uma diferenciação na forma de pensar e tipo de educação entre as gerações e a necessidade de potencializar o que de bom há entre as duas de maneira a alcançarem-se os objetivos de reunir as diversas instituições presentes na Fazenda Saco em torno de um projeto comum de ocupação do espaço.

Palavras-chave: Identidade, Valores Humanos, Convivência com o Semiárido.

Os valores humanos são culturais e individuais e relacionam-se com o julgamento e com o comportamento das pessoas (GATERSLEBEN, B. MURTAGH, E. & ABRAHAMSE, 2014 e ROKEACH, 1973). Estudos demonstraram que os valores de autotranscendência estão mais relacionados com um comportamento em prol da natureza (STERN, 2000). No presente estudo, propõe-se que os valores Cooperação e Respeito sejam adequados para criar uma consciência ambiental. Estudou-se um conjunto de habitantes de um local conhecido como Fazenda Saco.

Esta se localiza a três quilômetros do centro urbano do Município de Serra Talhada, Sertão do Pajeú. Pertence ao Governo do Estado de Pernambuco que tem aí funcionando a Estação Experimental Lauro Bezerra, a cargo do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA). Recentemente,

¹ Apoio Fundação de Amparo à Ciência e a Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE).

ocorreu um processo de parcelamento da Fazenda Saco entre diferentes instituições e moradores. Trata-se de um espaço de peculiar característica geográfica: cercado por serras, com uma abertura relativamente estreita como uma ferradura, contendo em seu interior vários olhos d'água e o Açude do Saco. Insere-se no bioma caatinga.

O presente estudo faz parte de um projeto maior que pretende reunir as diversas instituições em torno de um plano comum de ocupação do espaço. Propôs-se compreender a identidade de um conjunto de pessoas que habitam a Fazenda Saco. Verificou-se de partida a inexistência de qualquer referência escrita sobre essa população: qual sua identidade? Que valores julgam importantes? Como se comportam em face ao meio ambiente?

Antes de pensar em adequar medidas quantitativas para esses conceitos, procurou-se utilizar uma metodologia de observação participante para compor um perfil da comunidade. Os dados vão servir para a elaboração de um instrumento de medida dos valores dessa população, referenciados nos trabalhos de PASQUALI & ALVES (2004) E DE BEIERLEIN, DAVIDOV, SCHMIDT, SCHWARTZ & RAMMSTEDT, (2012) e para um futuro programa educacional visando despertar valores ambientais.

A Comunidade do Saco habita o entorno do Parque Estadual Mata da Pimenteira, cujo plano de manejo aponta para a necessidade de estudos mais aprofundados, visando construir estratégias de integração dessas pessoas com o seu meio ambiente, de maneira a possibilitar atividades de conservação do meio físico e natural e, ao mesmo tempo, possibilitar atender de certa forma as próprias necessidades da população.

Procurou-se conhecer quem eram esses moradores, que visão teriam de si mesmos, do ambiente em que vivem, como cuidam do meio ambiente, uma vez que, ao assumir uma identidade própria, estes poderão exercer um pensamento autônomo enquanto comunidade.

Segundo HALL (2005), nas sociedades modernas, globalizadas, vem ocorrendo uma “crise de identidade” provocada pela perda, por parte das pessoas, do sentido estável de si mesmas: tanto quanto ao seu lugar no mundo social e cultural como quanto a ideia que cada um tem sobre si mesmo como sujeito integrado.

Esta comunidade de sertanejos, talvez não se enquadre como tradicional, segundo o Decreto 6.040 do Ministério do Meio Ambiente, entretanto representa uma cultura própria daqueles que precisam conviver com as condições impostas pelo bioma caatinga, com o clima semiárido. A identidade cultural de um grupo social é formada com diferentes elementos culturais que podem ter distintos significados intertextuais para cada indivíduo ou grupo. São elementos culturais: os

valores sociais e os modos de pensar, os costumes e o estilo de vida, as instituições, a história comum, os grupos étnicos, o meio ambiente natural e cultural, os pressupostos filosóficos subjacentes às relações sociais e outros elementos a que certa sociedade atribui significados culturais intertextuais específicos. Com base em elementos como esses, o indivíduo e o grupo social formam a convicção de que compartilham uma cultura (HUNTINGTON, 1997).

Entretanto, esse é um pensamento que é construído e não que existe por si só; como diz BAUMAN (2005) a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado e não descoberto. O desenho de pesquisa ação empreendido no presente estudo nos leva a coconstrução da identidade desse grupo, uma vez que, modernamente, tem-se considerado que identidades tradicionais, que prevaleceram durante muito tempo para certas sociedades, estão em processo de fragmentação na esfera individual e na social. Novas identidades culturais surgem constituindo um movimento de transformação que desloca as estruturas de identidade cultural das sociedades modernas dos seus centros tradicionais de referência. Tornaram-se instáveis os critérios com base nos quais indivíduos e grupos sociais construíam sua identidade cultural (HALL, 2005).

No passado, aponta SEIXAS (2008), os contatos culturais entre povos diferentes progrediam lentamente, durante séculos, na medida em que se aperfeiçoavam os meios de transporte e de comunicação. Por isto, os diferentes povos tinham tempo razoável para assimilar elementos culturais uns dos outros e para incorporar tais elementos em sua própria cultura, conforme se fazia necessário ou conveniente. Atualmente, esse processo é muito mais intenso, quase instantâneo, afirma este autor, daí resultam os fenômenos da descentralização, cultural a que todos se submetem na fase contemporânea da globalização.

Existem, contudo, princípios-guia para a vida, ou valores, que influenciam o comportamento e permanecem relativamente estáveis ao longo da vida dos indivíduos (HARRISON & HUNTINGTON, 2000; INGLEHART, 1990; GATERSLEBEN, B. MURTAGH, E. & ABRAHAMSE, 2014; ROKEACH, 1973; SCHWARTZ, 1994; STERN, 2000). Os valores têm sido um meio para distinguir-se entre diferentes culturas, considerados expressões de um conhecimento geral e abstrato aceito por um grupo social como aplicável a situações nas quais se identifica certas semelhanças (FRANKL, 1946 / 1992; ZAVALLONI, 1980). Os valores seriam também a expressão cognitiva ou o motivador das ações individuais (GATERSLEBEN, MURTAGH & ABRAHAMSE, 2014), são estáveis, mas passíveis de serem modificados (ROKEACH & BALL-ROKEACH, 1989; STERN, 2000).

Para trabalhar os valores, foi feito este estudo que propõe às pessoas pensarem sobre si mesmas enquanto pessoas e enquanto comunidade, contribuindo para a construção de uma perspectiva de cooperação e respeito pela natureza. Reconhece-se, com ROGOFF (1990), que a aprendizagem se produz graças à participação de pessoas atuando cooperativamente em atividades conectadas com as práticas da comunidade e com sua história. Nessa perspectiva, uma educação em prol do ambiente se insere no âmbito da conscientização dos diversos atores sociais, de forma articulada e a partir de um diagnóstico ambiental local. É um processo horizontal que deve ser construído de forma contextualizada com a realidade, constituindo uma nova compreensão do mundo e assumindo uma dimensão política e exercício de cidadania na busca de melhores formas de intervenções (GUIMARÃES, 2004).

Espera-se que a sistemática a ser estabelecida por este estudo possa ser aplicada posteriormente em situações semelhantes, contribuindo com um aumento do conhecimento científico relacionado à dinâmica de um trabalho cultural, ambiental e psicológico em uma comunidade rural, e a construção de uma identidade cultural que resgate a relação simbiótica com o meio ambiente e a prática da cidadania.

Em resumo, os objetivos deste estudo foram o de identificar, por meio de dados qualitativos e quantitativos, características que contribuam na construção de um perfil de identidade cultural da Comunidade do Saco. Especificamente, procurou-se delinear um perfil de identidade do conjunto de seis comunidades presentes na Fazenda Saco, procurando: identificar e coletar variáveis censitárias as quais as comunidades estudadas se autoatribuem através de seus membros.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa, diretamente, 100 pessoas, entre membros das comunidades, trabalhadores do IPA, funcionários e autoridades, e foram recenseadas 194 pessoas, com idades variando de zero a 77 anos, de ambos os sexos, e que são membros das comunidades da Fazenda Saco.

Instrumentos

Genealogia: Construiu-se uma árvore genealógica das famílias dos habitantes do Saco, utilizando o *software* de genealogia *Family Tree Builder*, Versão 2015, do *My Heritage*.

Entrevistas: Foram feitas entrevistas semiestruturadas; procurando a visão da pessoa acerca das suas experiências subjetivas em certas situações. Foram realizadas gravações, quando adequadas, e dados censitários obtidos no posto de saúde do IPA registrados no *SPSS*.

Reuniões: Além de participações em algumas reuniões ordinárias da Associação de Moradores e Assentados do Assentamento Nova Aliança. Duas reuniões do projeto, em que foram convidadas pessoas da comunidade foram efetivadas formalizando o processo.

Procedimento

Procurou-se identificar através do estudo genealógico, a origem, evolução e disseminação das várias gerações das famílias que compunham as comunidades, buscando datas e locais e informes gerais a respeito de cada pessoa. Foram gerados relatórios e gráficos de parentescos em vários formatos. Descobriu-se que não havia registros sobre a comunidade no IBGE, nem existia um delineamento cartográfico, a não ser do contorno da Fazenda Saco através do mapa do satélite. Um trabalho de cartografia social está em andamento. As entrevistas foram feitas nas residências, cuidando-se em obter uma amostra representativa de cada comunidade e em estabelecer um *rapport* anterior de maneira que a forma de abordagem não afetasse demasiadamente os resultados. Utilizou-se de conversação espontânea e descontraída, nas quais as pessoas sentiam-se livres para compartilhar experiências de sua vida e de seus antepassados. Não se estipulou um tempo a ser seguido e as perguntas se adequavam às respostas conforme eram apresentadas. Gravações e fotografias foram registradas, quando adequadas e permitidas. No Posto de Saúde Municipal Diomedes de Oliveira, coletou-se registros sobre os habitantes das comunidades da Fazenda Saco. Dois agentes de saúde deste posto, que são também moradores do local, ajudaram a complementar as informações. A Escola Municipal Braz Magalhães apoiou a pesquisa, cedendo suas instalações para a realização das reuniões.

Processo de Análise

Os dados censitários foram digitados no pacote estatístico SPSS, para elaboração de estatísticas descritivas, também foram inseridos no *My Heritage* para a construção de árvores genealógicas. Os dados qualitativos, coletados através de entrevistas e reuniões, contribuíram para qualificação da história e do modo de vida da comunidade.

Resultados e Discussão

Apresenta-se a história da Fazenda Saco, a qual enleia a forma como foi sendo apropriado esse espaço pelas pessoas, durante certo período de tempo; procurou-se destacar um perfil quantitativo e qualitativo das comunidades presentes no local.

Segundo CABRAL (2013), a Fazenda Saco esteve sob a posse da Família Magalhães, desde o ano de 1757 e em 1920 passou a ser propriedade da Família Godoy. Uma escritura pública de 1931 mostra que uma parte da “antiga Fazenda Sacco” havia sido comprada ao Sr. Pedro M. C. de

Albuquerque em 1908 e outra parte à senhora D. Maria Ayres Diniz em 1927, pelos senhores: Joaquim C. da Cruz e sua esposa e Cornélio A. Soares Lima e sua esposa. Conforme consta na escritura, por meio de uma procuração dada pelo Sr. Joaquim da Cruz ao Coronel Cornélio Soares (figura histórica de Serra Talhada), este vendeu a Fazenda Saco ao governo do Estado de Pernambuco.

A aquisição da Fazenda Saco pela então Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de Pernambuco visava à fundação de um campo de sementes e de criação de animais em zona sertaneja. A barragem que formou o Açude do Saco foi construída, por volta de 1932, pelo INFOCS, atual Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS); o paredão pode acomodar até 32.000.000 de m³ de água. Dos 3.200 hectares da Fazenda Saco, em época de cheia, 500 hectares são tomados pelo açude. Na década de 1960 ocorreu uma grande cheia do Açude do Saco e este veio a extravasar. Em 2005 ocorreu um sangramento, porém este volume só vem decrescendo nos últimos onze anos até os dias de hoje. Em março de 2016 o Açude do Saco estava com 1 200 000 m³ (CABRAL, 2013).

Na década de 1990, cinco hectares da Fazenda Saco foram cedidos, em regime de comodato, à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) para a construção do Centro de Treinamento para Pequena Irrigação. Em 2006, foi criada a Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST) vinculada a UFRPE. Nessa época, o IPA transferiu para a UFRPE uma área equivalente a cinquenta hectares em condição definitiva. No ano de 2011, outro lote de oito hectares foi cedido para instalação da Universidade de Pernambuco (UPE).

A Escola Municipal Braz Magalhães foi edificada em 1941. Sua função era atender aos filhos dos “doutores” funcionários do IPA (engenheiros e técnicos agrícolas). Tornou-se municipalizada em 1994, como sede de distrito. Seu funcionamento merece mais atenção. Às margens do Açude do Saco existe o Centro de Pesca, conflitos sociais envolve seu funcionamento. Na antiga casa de farinha hoje funciona as atividades da equipe de artesanato Flor & Pesca, projeto premiado, iniciado pela professora Juliana Vidal da UAST (COSTA, VIDAL, SANTOS & GUERRA, 2015) destinado ao treinamento, aproveitamento e comercialização dos resíduos da Tilápia (*Oreochromis niloticus*), peixe abundantemente pescado no Açude do Saco, hoje também tornado raro devido à seca.

A Unidade de Conservação Parque Estadual Mata da Pimenteira foi criada em 2012, por iniciativa de professores e alunos da UAST, juntamente com a Prefeitura da cidade e instituições ligadas ao meio ambiente. Possui, aproximadamente, 900 hectares, sendo 300 hectares de mata

nativa. Não há pessoas residindo no interior do Parque. (CABRAL, 2013; MARANHÃO, MELO JR, SILVA-CAVALCANTI & ALMEIDA, 2013).

A história do local se confunde com a história das pessoas que o habitam. Alguns depoimentos são informativos da perspectiva dos moradores da fazenda Saco quanto à história do local e de suas vidas. Dois desses depoimentos são destacados abaixo.

Dona L, de 84 anos, é moradora da Vila de Baixo. Chegou à Fazenda Saco aos seis meses de vida (1932). Seu pai veio do município de Floresta para trabalhar para o Coronel Cornélio Soares (“... era o chefe, quem mandava em tudo de Serra Talhada”). Era carpinteiro, tinha 12 filhos e chamava-se Pajeú (“nesse tempo o povo não sabia o que era, aí dava assim o nome dos paus...”). Dona L. tem oito filhos, e uma das filhas trabalha no Centro de Pesca juntamente com o marido. Quando pequena, estudou na escola do IPA e trabalhou nas plantações - “comecei a me sustentar com oito anos”, diz ela. Foi eleita princesa do algodão, mas renunciou ao título para não acabar o noivado com seu companheiro de infância.

As festas anuais do algodão, durante a década de 1950, marcaram momentos de exaltação para as pessoas dessa geração. Os depoimentos mostraram também uma face cultural, pode-se dizer provinciana, dessa população.

O Sr. A. L. (80 anos), morador da Barragem. Contou que sua família, (pai, avô, tios, esposas e filhos) deixou o povoado de Buíque, localizado no agreste pernambucano, a 143 quilômetros de Serra Talhada, antiga “Vila Bela”, e veio andando procurar um lugar para se fixar. “Nesse tempo não tinha *transporte* nenhum, nós usava era os cascos de nós mesmo”. Não tendo dado certo essa jornada voltaram. Numa segunda vez, a família saiu em busca de um lugar e foi até Juazeiro do Norte, CE. “Aí nós se aboletou num pé de serrote por uns cinco a seis meses, deixe que nessa época meu ‘padim’ era vivo...”. Seu pai e tios pediram ajuda ao Padre Cícero, o qual os instruiu a retornarem à Vila Bela, instalarem-se no local que hoje corresponde à Fazenda Saco e a pedir trabalho ao “patrão”. Seu A. L. nasceu na Fazenda Saco durante a primeira investida.

Esses dois depoimentos mostram a visão de pessoas que vivem na Fazenda há quase um século, que viram sua transformação e que mantêm em seu pensamento estruturas do início do século passado. Muitos dos moradores falam de fartura de alimentos no passado, quando se plantava e colhia e tinha muita água no açude. Ao contrário, D. Maria (80 anos) moradora do Xique-Xique, que passou muita fome e dificuldades, acredita que hoje está melhor, pois a aposentadoria lhe garante sempre ter o que comer e há uma facilidade com os transportes. Observa-

se, em todas as comunidades da Fazenda Saco, que pelo menos um dos moradores tem um automóvel e vários têm motos. Todas as casas têm uma antena parabólica e pelo menos um celular.

Ressalta-se a importância da palavra do Padre Cícero (outros depoimentos destacam a ingerência desse personagem na vida dos moradores da Fazenda Saco e do Xique-Xique) e o ambiente normalmente retratado na literatura sobre os coronéis e a cultura do algodão. Os dois depoentes estudaram na escola do IPA e trabalharam na agricultura, apresentam a mesma cultura de recato, respeito e autoritarismo. Na comunidade, é comum os mais novos beijarem as mãos e “pedirem a benção” aos mais velhos.

Com o passar dos anos, o número de pessoas aumentou no entorno da Estação Experimental Lauro Bezerra, e um dia estas foram compelidas a sair do local. Alegou-se que sua presença estava dificultando as pesquisas agrônômicas realizadas pelo IPA. Decidiu-se remover as mais de 100 famílias que aí estavam residindo e que não eram de funcionários.

Essa etapa do parcelamento da Fazenda Saco não foi inteiramente pacífica. Os moradores procuraram o sindicato dos trabalhadores rurais depois que lhes foi negada autorização para continuarem plantando no local. Foi tentada uma ocupação que foi rechaçada pela polícia. A solução veio com a doação, pelo governo do Estado, de terras para que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) estruturasse aí um assentamento. Foi nesse contexto que surgiu o Assentamento Nova Aliança, como chamado pelos moradores, ou Ivan Souto de Oliveira, denominação com que está oficialmente registrado.

A Associação dos Moradores e Assentados do Assentamento Nova Aliança (AMAANA) teve como objetivo dar voz e representatividade aos moradores que estavam em litígio. Algumas famílias não foram beneficiadas com lotes no Assentamento Ivan Souto de Oliveira e por isso, Charles Cabral (pesquisador do IPA) vem pleiteando junto à direção do IPA a concessão de mais um local para assentamento das famílias remanescentes.

Serra Talhada se formou às margens do rio Pajeú, um afluente não perene do rio São Francisco. A Fazenda Saco detinha, no sertão antigo, um atrativo importante para a fixação de pessoas em suas cercanias, a existência de vários olhos d’água e a convergência de todo um contingente de águas de chuva, descendo das serras e formando o Açude do Saco. Um segundo atrativo, foi a oferta de emprego proporcionada pelos trabalhos do IPA na Fazenda Saco. Assim, pode-se formular a origem e composição da comunidade do saco como sendo um conjunto de funcionários e trabalhadores que se estabeleceram com suas famílias no local há pelo menos 80

anos e seus filhos e netos que foram casando entre si e muitos deles construindo suas casas de taipa nos arredores.

A construção da árvore genealógica mostrou que as pessoas que habitam hoje na Fazenda Saco são parentes, identificadas em quatro troncos familiares principais, cujos descendentes casaram entre si até a terceira geração.

Os membros da Comunidade Currais Velhos na maioria descende do Sr. C.V. (falecido). Este teve duas filhas e quatro filhos e todos nasceram e continuam residindo na comunidade. O mais velho tem cerca de 80 anos. A descendência do Sr. CV é composta de 43 pessoas, entre netos e bisnetos e oito parentes indiretos (esposos e esposas).

Na árvore correspondente aos moradores do Assentamento Nova Aliança, encontra-se a descendência da Sra. A.B. composta por 35 pessoas distribuídas em 11 famílias nucleares. Os chefes, já idosos, moram na cidade e seus seis filhos, 15 netos, seis bisnetos e sete parentes indiretos residem no Assentamento Nova Aliança.

A terceira árvore engloba duas grandes famílias, L.S. e A.S. sendo composta de 129 pessoas distribuídas em 38 famílias nucleares. A descendência do Sr. MLS (falecido) totaliza 95 pessoas, distribuídas entre nove filhos, 17 netos, 36 bisnetos, 8 trinetos e 25 parentes indiretos. Do Sr. PAS (falecido) descendem 61 pessoas, cinco filhos, 14 netos, 22 bisnetos, 5 trinetos e 15 parentes indiretos. Os membros dessas famílias casaram entre si; também entre primos de primeiro grau (e até entre tio e sobrinha) e alguns poucos com duas outras famílias (C. e Vir.).

Alguns dos parentes desse intrincado complexo familiar foram morar em outras localidades, mas sem deixar de lembrar sua origem na Fazenda Saco, voltam periodicamente.

A esse conjunto de famílias e comunidades passou-se a chamar de a “Comunidade do Saco”. Os moradores indicam lugares específicos como comunidades dentro da Fazenda Saco, onde se localizam cinco a dez casas relativamente próximas, e chamam com nomes particulares. A Tabela 1 mostra como se compõe essa comunidade e a distribuição por idades e sexo está mostrada nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 1. Número de famílias e de pessoas, por comunidade, na Fazenda Saco.

Comunidades	Famílias	Pessoas
Assentamento Ivan Souto de Oliveira	40	104
Barragem	9	32
Currais Velhos	15	58
Vila de Baixo	9	47
Total da Fazenda	81	280

Palmas**	5	16
Sítio Piau**	13	53
Total	99	349

** Comunidades fora do perímetro da Fazenda, mas com fronteira com a Mata da Pimenteira.

Tabela 2. Distribuição, por faixa etária, dos moradores da Fazenda Saco

Faixa etária (anos)	N	Declararam a idade (%)	Acumulado (%)
00 - 05	20	11,2	11,2
06 - 17	51	28,5	39,7
18 - 24	31	17,3	57,0
25 - 40	35	19,6	76,5
41 - 60	35	19,6	96,1
+ de 61	07	3,9	100,0
Não declarou	15		
Total	194		

Tabela 3. Distribuição por sexo dos moradores da Fazenda Saco

Sexo	N	%
Feminino	89	45,9
Masculino	103	53,1
Não registrado	2	1,0
Total	194	100,0

A distribuição das faixas etárias foi feita considerando-se períodos do ciclo de vida, permitindo uma análise por gerações de pessoas.

Pelo menos um morador em cada residência tem um emprego formal, na faixa de um salário mínimo. A renda é complementada com a pesca artesanal e com os programas Bolsa Família e Aposentadoria. Durante a pesquisa, não foi registrado nenhuma atividade agrícola, o que se justifica pela proibição de plantar nas terras do IPA e, principalmente, devido aos baixos registros de precipitação pluviométrica que vem acontecendo desde 2008.

Enfim, constatou-se que além dos problemas materiais, existem ainda dificuldades quanto à questão organizacional da Comunidade do saco. Foram identificados conflitos motivados pelas relações de poder e devido também a dificuldades informativas. Existem críticas, mas não há um movimento no sentido de cooperação e respeito.

Conclusão

Verificou-se que a comunidade que antes aparecia como amorfa possui contornos precisos. As reuniões obtiveram um efeito de sinergia e permitiram, além de uma aproximação maior com um grupo significativo de pessoas, a pré-criação de um grupo de referência para os futuros trabalhos. Além disso, observou-se uma diferenciação na forma de pensar e tipo de educação entre as gerações e a necessidade de potencializar o que de bom há entre as gerações de maneira a alcançarem-se os objetivos desse trabalho.

Referências

- ANDRADE, M. C. *A Terra e o Homem no Nordeste*. São Paulo, editora Brasiliense, 1973.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade. Entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt Bauman*; tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BEIERLEIN, C., DAVIDOV, E., SCHMIDT, P., SCHWARTZ, S. H. *Testing the discriminant validity (...)*. Survey Research Methods, v.6, n.1, p. 25-36, 2012.
- CABRAL, Charles Bezerra. *Parcelamento da área primitiva das terras da Fazenda Saco IPA – Serra Talhada*. Serra Talhada, 12 Dez. 2013. Disponível em: <http://charlescabral-ipa.blogspot.com.br/2013/12/parcelamento-da-area-primitiva-das.html#more>
- COSTA, W., VIDAL, J., SANTOS, J. & GUERRA, C.A. *O açude Saco em Serra Talhada – PE, como unidade produtiva*. Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade, v 9, no.04, p 283-296, 2015.
- FRANKL, V. E. (1946 / 1992). *Psicoanálisis y existencialismo*. México, DF: Fondo de Cultura Económica.
- GATERSLEBEN, B. MURTAGH, E. & ABRAHAMSE, W. *Values, identity and pro-environmental behavior*. Contemporary Social Science, Vol. 9, No. 4, 374–392, 2014.
- GUIMARÃES, M. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HARRISON, L. E. and HUNTINGTON, S. P. *Culture matters : how values shape human progress*. Basic Books: New York, 2000.
- INGLEHART, R. *Culture shift in advanced industrial society*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1990.
- PASQUALI, L., ALVES, A. R. *Validação do Portraits Questionnaire - PQ de Schwartz para o Brasil*. 2004.
- ROGOFF, Barbara. *Apprenticeship in Thinking. Cognitive Development in Social Context*. Oxford University Press, 1990.
- ROKEACH, M. *The nature of human values*. New York: The Free Press, 1973.
- ROKEACH, M., BALL-ROKEACH, S. J. *Stability and change in American value priorities*. American Psychologist, v.44, p. 775-784, 1989.
- SANTOS, E. M., JÚNIOR, M. M., SILVA-CAVALCANTI, J. S., ALMEIDA, G. V. L. *Parque Estadual Mata da Pimenteira: Riqueza Natural e Conservação da Caatinga*. – Recife : EDUFPRPE, 2013.



SCHWARTZ, S. H. *Are there universal aspects in the structure and contents of human values?* Journal of Social Issues, v. 50, p. 19-45, 1994.

STERN, P. C. *Psychology and the science of human environment interactions.* American Psychologist, v. 55, p. 523- 530, 2000.

SEIXAS, Renato. *Identidade Cultural da América Latina: Conflitos Culturais Globais e Mediação Simbólica.* Cadernos PROLAM/USP, São Paulo, v.1, p. 93 – 120, 2008.

ZAVALLONI, M. Values. In H. C. Triandis & R. W. Brislin (Orgs.), *Handbook of cross-cultural psychology: social psychology.* Boston: Allyn and Bacon, v. 5, p. 73-120, 1980.

